

# TRAÇOS BIOGRÁFICOS DO GENERAL CÂMARA

DARIO CRESPO

Diretor da C. E. Federal

Evocar-lhe o nome é lembrar uma das mais puras e heróicas tradições do nosso Exército.

João Antônio Corrêa da Câmara era, em verdade, uma extraordinária vocação militar, que desde cedo se revelou.

Nascido no Rio Grande do Sul, possuía em alto grau as qualidades de sua gente. Espírito épico, bravo, impetuoso, sereno e magnânimo.

Tinha êsse espírito militar, que a contingência da luta nos impôs na defesa contra o estrangeiro, desenvolvendo a camaradagem, a amizade fraterna, o desprezo do perigo afrontado em comum, a honra de morrer pela Pátria.

O espírito militar deu-nos disciplina e consciência cívica. Foi êle na alma riograndense, "a maior fonte de sociabilidade que é possível imaginar-se", como acentua um estudioso da nossa sociogênese.

A necessidade da defesa comum, a todos irmanando, sem distinção social, e a vida da "estância" que se repartia com a do acampamento, constituíram no Rio Grande o primeiro passo para a democracia.

São êsses traços marcantes que lhe definem a mentalidade.

Câmara é um tipo representativo da sua terra. A modelagem da sua personalidade obedece ao determinismo da nossa ambiência físico-social.

Sua infância foi embalada pelo conto das façanhas guerreiras avoengas.

Patrício José Corrêa da Câmara fôra o honrado e destemido comandante de fronteira, que operou prodígios de valor na luta contra os espanhóis de Vertiz e Ceballos, levando até às raias extre-

mas do Uruguai as armas reivindicadoras.

Na tomada do Forte de Santa Tecla, o grande fronteiro traça o plano de ataque, e com os seus bravos que levam como escudos pedaços de couro cru, atira-se aos baluartes, tentando a escalada de suas muralhas. A luta prossegue e culmina com a tomada e arrasamento do forte, que era um dos principais pontos de resistência do invasor.

Numa carga de cavalaria contra os espanhóis, que se tornou célebre, ordenou aos seus comandados "que galopassem e apertassem à espada o inimigo".

Esse e tantos outros episódios ouvira-os o neto, empolgado ao calor da narrativa das cargas heróicas e romanescas.

E a figura do avô, a quem desejava assemelhar-se um dia, avultava na sua imaginação. Era o tipo ideal, o modelo de herói, que em suas aspirações ainda confusas desejava realizar.

Já se disse que o homem se eleva à altura do seu ideal.

Câmara não haveria de elevar-se apenas, ao nível do herói que povoava a sua imaginação.

Herdara-lhe, com o sangue, as características psicológicas de energia, de bravura e magnanimidade. Mas, quis o destino que o superasse.

Corria o mês de setembro de 1839.

O solo da Província tremia ao fragor da luta, acesa aos clarões do idealismo republicano, conduzida por Bento Gonçalves, e que Caxias, consciente do destino histórico da Monarquia, com fôrça de coesão necessária à unidade nacional, iria pôr um termo de todo em todo digno e patriótico.

Câmara tem, então, apenas 15 anos de idade. Mas já não pode conter-se por mais tempo. Corre às fileiras do Exército, onde se alista como voluntário, marchando no mesmo dia para o campo da luta.

Começa então a sua luminosa trajetória de soldado.

Sob as ordens do Marquês de Souza, "aquele que comanda em uniforme de gala", Câmara, já no posto de capitão, toma parte na guerra contra Rosas, até o feito glorioso de Monte Caceros.

Na Campanha do Uruguai, à frente do 1º Batalhão de Infantaria e de Fuzileiros Navais, no assalto e tomada de Paissandu, recebe os elogios de Antonio Sampaio e os galões de tenente-coronel.

A guerra do Paraguai que vai ser o maior teatro de seus feitos, já o encontra com o curso da Escola Militar de Porto Alegre, que tirara quando Capitão.

Tendo assistido à rendição de Uruguiana, marcha para o solo do invasor, onde as suas cargas, que assombram o inimigo e entusiasma os companheiros, vão se tornar célebres.

Sua espada ficará legendária e a sua alta capacidade de comando irá sagrá-lo um dos generais mais completos do Império.

Bate-se com sobrehumano heroísmo em Tuiuti, Curuzu, Curupaiti, Tuiú-Cué. Desempenha, em 67, o cargo de chefe do Estado-Maior do Exército sendo, logo após, designado para o comando da 5ª Divisão de Cavalaria, a cuja frente peleja bravamente nos ataques de Passo Pecu e Espinilho. Sob o fogo da artilharia inimiga, marcha impávido no reconhecimento de Piquisiri.

Depois, é Avaí, Lomas Valentinas, Angostura, Passo Tupium, Campo Grande, Aquidaban e o epílogo da grande tragédia que por mais de um lustro ensanguentou o solo americano.

Em todas essas ações, memoráveis, Corrêa da Câmara revela qualidades que o colocam à altura dos grandes capitães.

Na batalha de Avaí, sob o comando geral de Caxias, realiza prodígios de valor. No momento decisivo, Câmara leva a última carga de cava-

laria ao centro paraguaio, despedaçando as linhas inimigas, decidindo a vitória. Nesse dia de glória para as nossas armas, ainda no campo da batalha é louvado e promovido a general.

Ao baixar a espada, diante do generalíssimo, ouve de Caxias a frase, que a história recolheu, e que vale pela melhor das condecorações:

"General, louvo-o por suas brilhantes cargas".

E como se não bastasse tamanho galardão, ainda iria receber o elogio do bravo dos bravos, testemunha das suas façanhas.

Osório, nesse dia memorável, recebera um ferimento de bala de fuzil em pleno rosto, que lhe fraturou o maxilar inferior.

Não pôde falar o Centauro dos Pampas. Mas também não pôde calar.

Toma, então, um pedaço de papel, e com o punho glorioso, que por cinco horas brandira a lança legendária, escreve conciso e firme:

"Câmara é um bravo".

Mas, Câmara não é só a bravura e arremesso das cargas irresistíveis que levam ao inimigo a confusão e a derrota.

Tinha sobretudo excepcionais qualidades de comando.

Era um tático e um estrategista de primeira ordem. Provam-no as numerosas e brilhantes ações em que se empenhou. Atesta a sua capacidade militar o maior general do Brasil, o patrono do nosso Exército.

E Caxias era dos que sabiam como os seus comandados lhe executavam as ordens.

De volta ao Brasil, perante o Imperador, não teve dúvida o Generalíssimo em proclamá-lo "a melhor cabeça militar" que deixara no Paraguai, e que só o não propusera para seu substituto por ser ele o "mais novo" entre os generais brasileiros.

Dizendo-se sem expressões para louvar e exaltar como devera, o Conde D'eu, comandante em chefe, afirma que o general José Antônio Corrêa da Câmara demonstrara qualidades militares e talento tão notáveis, que o Brasil tinha nele "um

general capaz de levar a cabo os mais árduos cometimentos e de honrar a sua pátria perante o mundo civilizado”.

Câmara na Campanha da Cordilheira, foi o comandante das forças que operaram ao norte no distrito de Conceição. Dêsse ponto lançou as suas antenas, em tôdas as direções.

Durante cinco meses se desenvolvem as operações através dos esteiros, dos banhados e das matas, onde os nossos soldados arrostando toda sorte de sacrifícios, mas sempre batendo e recalçando o inimigo.

Corrêa da Câmara é de uma atividade prodigiosa. Agindo como comandante em chefe, com a responsabilidade exclusiva das operações, mais se evidenciam o vigor do seu talento e a energia da sua vontade.

Dêle é a concepção do plano de operações, cuja ação foi perfeita graças à sua ação incomparável.

Algo decisivo que em Cerro-Corá pôs termo à grande luta, foi o coroamento de um plano sãbiamente traçado, enérgica e metódicamente executado.

Escrita a última página da grande tragédia, volta à Pátria o marechal de campo José Antônio Corrêa da Câmara, Visconde de Pelotas.

Não termina aí, entretanto, o ciclo de seus serviços ao Brasil.

Não os recusaria na paz, que o não permitia o seu nunca desmentido espírito público. Recusou, é certo, o Ministério da Guerra, para cuja pasta fôra convidado, logo de seu regresso ao Rio Grande.

Com o senso da sua elegância moral, que timbrou sempre em guardar, excusou-se alegando moléstia, mas o verdadeiro motivo por que não assentiu ao convite foi o entender que sendo liberal, não lhe ficaria bem pertencer a um Gabinete conservador.

Eleito senador por sua Província, tomou parte ativa na chamada “Questão Militar”, ao lado de seus companheiros de farda. Em seguida, nomeado ministro da Guerra, sua passagem por essa pasta, a par de uma administração proficiente, deixou impresso um cunho de severa justiça.

A República o surpreendeu com um convite de Deodoro para presidir o Rio Grande, cujo governo assumiu interinamente, colocando o prestígio do seu nome glorioso ao serviço da Pátria, acima do entrecoque das paixões desencadeadas.

Deixando o governo, no ano seguinte, vivia afastado da atividade pública, sem quaisquer ligações partidárias, quando a trama dos acontecimentos novamente o colheu, reconduzindo-o ao governo estadual.

Accepta então o sacrifício, “com o intuito de evitar a perturbação da ordem e assegurar a liberdade eleitoral”.

Transfere, porém, o cargo a Silva Tavares, pouco depois, por lhe não ser possível conjurar a crise política que haveria de desfechar numa luta implacável e cruenta.

Passo rápido sobre essa fase da sua vida, porque falo de Câmara, apenas, como militar. Porque êle foi, antes de tudo, um soldado.

Um grande soldado. Dos maiores que ainda teve o Brasil.

Marechal de Campo, Conselheiro de Guerra, Marechal do Imperial Exército Brasileiro, Grande do Império do Conselho de Sua Majestade Imperial, Senador, Ministro e Governador, com várias condecorações, nada por certo teria sido mais grato ao seu coração do que o título com que foi agraciado de Visconde de Pelotas, que pertencera ao seu avô, o famoso fronteiro, a quem desejava assemelhar-se.

Realizara o grande sonho da sua juventude. Já se lhe poderia aplicar, então, o conceito de “uma grande vida” de Alfred de Vigny: “Une pensée de la jeunesse réalisée para l'âge mur”.

Uma grande vida a do general Câmara, a inspirar as gerações do Brasil.

Na exaltação das nossas glórias, reafirmamos o sentido heróico da nossa história.

Evocando o nosso passado, remontamos às fontes de nossas mais puras e soberbas energias.

Se a pátria está mais no futuro do que no passado, e neste, entretanto, nas suas tradições, que ela

vai buscar a sua grande força, a força espiritual e criadora que a impele na marcha do seu destino.

As forças morais geram a fé, que move montanhas e realiza o milagre.

Sem elas não é possível vencer.

Só elas mantêm o espírito nacional sem o que não se concebe a existência da pátria.

Esse espírito, jamais o perdeu o Brasil, no curso da sua história.

## AOS COLABORADORES !

Como COOPERAÇÃO muito preciosa no sentido de facilitar as tarefas de impressão da Revista e, conseqüentemente, evitar o atraso de suas edições, solicitamos, encarecidamente, aos nossos colaboradores que :

1. Datilografem, na íntegra, seus trabalhos, utilizando UMA SÓ FACE DAS FÓLHAS DE PAPEL e deixando espaço duplo entre as linhas.
2. Destaquem, com letras maiúsculas, o título do artigo. O nome do autor (ou seu pseudônimo) deve vir entre o título e o texto.
3. Coloquem, preferentemente, em fôlhas separadas do texto, as figuras, as fotografias, os desenhos, etc., com as respectivas legendas. (No texto, no local desejado, basta uma simples referência ao número da figura, fotografia ou desenho, correspondente).
4. Sempre que possível, desenhem as figuras a nanquim e em papel vegetal.
5. Tratando-se de tradução, quando a fonte original autorizar a reprodução, cite essa fonte sem esquecer o nome do autor do trabalho ; no caso contrário, obtenham autorização prévia.
6. REVEJAM SEMPRE OS ORIGINAIS observando, rigorosamente, a ortografia oficial (a do "PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA", da Academia Brasileira de Letras, dezembro de 1943, Imprensa Nacional).
7. Assinem a última fôlha e INDIQUEM O ENDE-REÇO ATUAL para que se possa acusar o recebimento e realizar entendimentos quando necessários.